

editorial

“Não há ninguém que esteja tão aprisionado como aqueles que falsamente acreditam ser livres”

Goethe

Um insulto à inteligência humana. Isso é o mínimo que se pode dizer sobre as ameaças de sanções econômicas ao Irã propaladas pelos que se imaginam donos do mundo. Após invadirem o Afeganistão e o Iraque, estão sedentos para intervirem no país persa. E neste intuito contam mundo afora com a simpatia submissa de bem remunerados *especialistas em relações internacionais*. Este é o tema predominante no momento em que este editorial está sendo escrito. Editoriais, artigos e colunas de opinião sobre o programa nuclear iraniano são publicados nos mais diversos países. Salvo as exceções que apenas confirmam a regra, a estória é a mesma: o Irã precisa oferecer provas convincentes à *comunidade internacional* (sic) de que não pretende construir bombas nucleares. Caso contrário, sofrerá severas sanções econômicas ou mesmo ataques preventivos. Mesmo sabendo-se que o vizinho Israel possui vasto arsenal nuclear e não se subordina a qualquer inspeção ou acordo internacional. Ou que os próprios países acusadores se recusam a eliminar suas bombas, dentre eles o único a tê-las usado criminosamente contra civis. Faz sentido isso?

Já as mudanças do sistema financeiro internacional parecem restritas ao plano da cosmética. A realização de uma reforma profunda capaz de controlar a jogatina permanece em segundo plano. A cada falcatura financeira que é tornada pública o tema retoma efêmero destaque na mídia corporativa. Logo em seguida muda-se de assunto. Não poderia ser diferente, pois os acionistas controladores das empresas midiáticas são os mesmos acionistas controladores dos bancos privados. Tal conluio de interesses envolve ainda burocratas de

bancos centrais e tesouros nacionais, além de prestativos *comentaristas econômicos*. O resultado não poderia ser outro. Imensa maioria de pessoas trabalhando para sustentar o ganho fácil de uma minoria financista. E quando a conta não fecha? Ajuste fiscal. Na conta de juros? Claro que não. Essa é intocável. Sequer é mencionada nos noticiários. O ajuste então sobra para aposentados, servidores públicos e para a parcela da sociedade que mais utiliza os serviços públicos. É o capitalismo da concentração dos ganhos e da socialização das perdas, onde paraísos fiscais abrigam a riqueza que os bancos centrais ajudam a direcionar aos financistas.

Publicar uma revista como a OIKOS neste mundo sutilmente cruel não é tarefa das mais fáceis. Nossos *concorrentes* desfrutam de significativos recursos públicos e privados, sempre disponíveis aos que aceitam se submeter aos interesses dominantes. Mas nós escolhemos outro caminho. Nestes nove anos temos procurado promover um debate franco sobre temas como desenvolvimento econômico e social; economia política internacional; e integração latino-americana. O leitor que tem acompanhado nossa trajetória reconhece e valoriza a importância deste trabalho. Os que não conhecem, podem acessar gratuitamente as edições anteriores em nosso sítio eletrônico: www.revistaoikos.org. É verdade que ainda existem potenciais autores que aguardam maior reconhecimento da Capes para nos enviar trabalhos originais. Mais uma sutil crueldade do mundo em que vivemos. No entanto, a cada número temos a satisfação de constatar a evolução do conteúdo e da diversidade de origens institucionais, regionais e nacionais dos nossos autores.

Abre este número artigo do marroquino Hassan Zaoual, que procura abordar de maneira crítica o utilitarismo característico do economicismo. O autor mobiliza a interdisciplinaridade e a interculturalidade para construir o conceito de *homo situs*, uma alternativa ao *homo oeconomicus*. Gabriel Rached examina as mudanças ocorridas na forma de atuação do Banco Mundial no contexto das transformações internacionais, observando os principais movimentos de reorientação de suas políticas de financiamento com o final da Guerra Fria. Edu Silvestre de Albuquerque defende a retomada e o aperfeiçoamento do pensamento geopolítico, que foi praticamente abolido do discurso acadêmico universitário após a segunda guerra mundial, embora tenha permanecido relevante nas ciências políticas estadunidenses, justamente o país que é hoje o *hegemon* do Sistema Internacional. Bruno Lobo Motta e Gabriela de Carvalho Dutra discutem o conceito de Violência Armada Organizada na América Latina e Caribe, tendo em vista as políticas de controle e combate utilizadas pelos Estados da região e as possibilidades de

cooperação. Pedro Rossi avalia a relação entre o padrão de integração financeira e a volatilidade das taxas de câmbio e de juros em quatro países latino-americanos (Argentina, Brasil, Chile e México) e quatro países asiáticos (Coréia, Índia, Indonésia e Malásia), visando investigar o grau de autonomia de política monetária em países periféricos. E Giuliano Contento de Oliveira e Daniel Arias Vazquez abordam as contribuições do pensamento de Florestan Fernandes, destacando: o papel da burguesia na origem da ordem social competitiva sob condições de dependência; as instabilidades inerentes ao subdesenvolvimento compensadas pela dualidade estrutural entre os setores modernos e arcaicos; e as relações de classes na sociedade.

Duas comunicações fecham este número. Na primeira, Marcio Henrique reflete sobre desenvolvimento sustentável e as relações entre o homem e a natureza. Na segunda, Geraldo Lino aborda os discursos sobre aquecimento global e mudanças climáticas.

Esperamos que apreciem as leituras,

Os editores

agradecimentos

Agradecemos o apoio:

- do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas da UFRJ (CCJE/UFRJ), especialmente ao professor e decano Alcino Câmara Neto, e ao superintendente Agnaldo Fernandes;
- do Núcleo de Estudos Internacionais da UFRJ (NEI/UFRJ), em particular ao seu diretor, professor Ronaldo Fiani; e
- do Instituto de Economia da UFRJ (IE/UFRJ), na pessoa do seu diretor, professor João Sabóia.

Agradecemos também aos nossos avaliadores, que tem sido fundamentais para a contínua melhoria dos trabalhos publicados. À Leticia Mei, pela ajuda na tradução. Ao fotógrafo Felipe Abreu, que neste número gentilmente compartilha sua arte com nossos leitores. E a todos que direta e indiretamente tem contribuído com a evolução deste projeto coletivo.